ANNO 1.º—N.º 3

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Guimarães, 16 de junho de 1907

Director e proprietario — A. L. de Carvalho

Redacção e administração — Centro Republicano

Composição e impressão:
Typ. Minerva Vimaranense — Rua de Payo Galvão

NUMERO AVULSO 10 REIS

700:000 CONTOS

Quando Casimir Perier, então presidente do conselho, do alto da tribuna da camara dos deputados, em França, num terrivel discurso, á face do mundo, apodou Portugal de bancarroteiro, fustigando o nosso proceder para com os credores externos, julguei que perante tão enorme vergonha e degradação, nenhum portuguez ousasse ir a Paris, pelo menos officialmente.

Alli, naquella tribuna, fômos exauctorados, alli, pela bocca de Perier, foi feito o processo immundo da nossa administração, dos nossos costumes, alli, foi Portugal amarrado ao pelourinho infamante, alli verteram lagrimas de pejo os patriotas sinceros.

Sim, eterno grilhão fômos condemnados a arrastar pelas ruas da amargura que trilham os pródigos, os que só pensam no régabofe eterno, arrancando dinheiro não importa a quem, para satisfazer loucos desperdicios.

Pediu-se emprestado á grande Republica Franceza aos 10, aos 20, aos 30 mil contos para se despenderem na Monarchia Portugueza numa frenetica loucura.

Hoje devemos 700 mil contos. Uma bagatela. Emquanto houve quem emprestasse mandou-se vir dinheiro, sempre dinheiro.

A orgia foi estrondosa, retumbante!

Durante 40 annos, desde o consulado do valido Fontes até ha bem pouco tempo, um Pactolo de guinéus, luizes, markos, florins correu em Lisboa. Era delicioso!

Quem recolheu essas aguas palhetadas de oiro? A que mansão bemdicta foi parar esse curso de agua auriluzente? Onde se depositou esse metal precioso, a que os poetas lyricos chamam vil? Onde pára, onde está todo esse oiro? Quem o guardou? Mysterio que a razão humana não póde comprehender; enigma indecifravel é esse.

Por mais sardanapalesco que fosse o festim, embora o papa Alexandre VI, a bella Vanozza e Lucrecia dirigissem a festa, impossivel seria sumir-se tamanha somma. Que se pediu emprestado ninguem pensa em contestar. Ahi estão á porta os credores externos e internos com os titulos nas mãos.

—

Nos cofres do estado não existe um real. Que o digam os empregados publicos e os empreiteiros; que o diga a divida fluctuante que está em 75 mil contos; que o digam os impostos directos e indirectos que se elevaram num crescendo aterrador, a ponto de converterem os alimentos necessarios ao homem num preço exorbitante, louco.

Sim, os habitantes d'este jardim á beira-mar estão condemnados a morrer de fôme ou, na alternativa, de tuberculose. Escolham.

Uns emigram; outros fazem como aquelle misero sapateiro, José Faria, d'uma freguezia proxima de Lisboa, da côrte, que no dia 6 do mez que decorre, se suicidou deitando-se debaixo do comboyo, afflicto por não ter pão para os seus 12 filhinhos.

Que contraste! D'um lado 700 mil contos delapidados de animo alegre; do outro, a nação empobrecida, famélica, procurando no suicidio remedio para a sua dôr.

C. Vieira da Cruz.

12 de junho de 1907.

A questão academica

Historiar a questão academica é tarefa longa e arriscada, quer pelas suas phases complicadas, quer pela proficuidade em que nos encontramos ainda do seu maximo desenvolvimento.

Isso ficará para mais tarde, quando se tiverem desfeito as impressões d'enthusiasmo e quando estiver em ordem tudo quanto com ella se prende e tudo quanto a ella se refere.

De sorte que, no momento, uma coisa ha a destacar do movimento escolar: o estado de decadencia d'um paiz. A academia de Coimbra ergueu-se revoltada perante a má educação e a deslealdade dos lentes de Direito que reprovaram injustamente um doutorando—saibam-no os jornalistas sertanejos que se permittiram referencias ao caso—e foi, na sequencia logica do seu primario impulso, até ás reclamações mais altas que em Portugal, em materia d'ensino, se têm feito. As scenas violentas, tudo aquillo que enfureceu os conselheiros Accacios de vinte annos ás ordens do governo, os apupos, os gritos, etc., tudo isso era coisa secundaria para quem visse as coisas com olhos de ver.

E mesmo essas violencias são desculpaveis. Mas não estava a academia de Coimbra preparada ainda. O movimento foi espontaneo. E quando se lhe quiz dar o caracter systematico, viu-se, vimo-lo nós, que a apparencia não correspondia á realidade e que no fundo de toda a multidão em revolta havia muito de lamentavel. Não nos enganamos. E assim é que o desfecho foi precisamente o contrario do que na primeira hora se fez. Comtudo é necessario reparar em que a academia de Coimbra foi assaltada por todos os lados para se render; o governo e a Faculdade de Direito empregaram todos os meios, serviram-se de todos os estratagemas, para vencer o seu orgulho de enfatuados e ôcos á custa do sacrificio da mocidade inteira. A elasticidade do prazo para encerramento de matricula, as visitas de cavalheiros suspeitos ás casas dos paes dos estudantes, as suggestões na provincia de que o movimento era maçonico e republicano, toda essa porcaria a que me fartei de assistir pondo á prova a fraqueza moral, a indecisão activa e a indisciplina intellectiva aos estudantes, deu em resultado essa fallencia enorme, esse inutilisamento de tres mil rapazes, medicos, advogados, professores, engenheiros, jornalistas de amanhã.

O governo soube vêr apenas a propria teimosia e não reparou que estava na frente d'aquelles que amanhã precisam de energia mental para dirigir o paiz e que se tornava necessario portanto tratal-os de modo a não rebaixal-os perante os seus collegas mais fortes, perante o resto da nação.

A Faculdade de Direito viu apenas o seu prestigio de idolo abatido, as suas fumaças desfeitas, a sua nullidade a descoberto; e tão vã, tão nulla é essa Faculde que não viu que toda a baixeza que cahisse sobre os alumnos abrangia tambem os mestres. Assim os causadores do desastre moral dos rapazes das escolas superiores foram, indiscutivelmente, o governo e o professorado de Direito.

Mas é necessario notar-se por outro lado que se mais força e mais independencia houvesse na mocidade em revolta, não haveria processos malvados capazes de vencel-a.

Porisso a questão academica veio revelar tristemente a crueldade do governo, a incapacidade do professorado e a falta de senso moral dos estudantes. Porque a resistencia ao decreto dictatorial de 22 de maio ultimo não era tão só um acto de solidariedade para com os expulsos, como, hoje, o movimento academico não póde localisar-se nesse ponto só: a resistencia ao decreto indicava e indica um protesto contra a offensa feita pelo conselho de decanos, por um lado e, por outro lado, o descontentamento pela pouca attenção com que os dirigentes politicos e universitarios tratam as questões d'ensino.

Mas tudo se perdeu. E o governo conseguiu inutilisar tres mil homens, impedindo-os, amanhã, de fallar de cabeça erguida. E assim foi-se a esperança na regeneração da nação portugueza. Deante dos cem intransigentes e altivos, alonga-se a multidão dos subservientes e incapazes de pensar por si.

E amanhã essa multidão espalhada pelas secretarias, pelo jornalismo, pelo professorado, irá engrossar essa onda de pedantocratas e parasitas que já hoje forma a classe predominante do paiz e que o tem levado á ruina, e á desgraça.

A questão academica foi assim uma lição para os que chegam e um desfallecimento para os que partem.

Alfredo Pimenta.

Portugal e Inglaterra

Um dos esteios a que mais se arrimam os defensores do regimen actual e com o qual logram intimidar muita gente que, por irreflexão ou ignorancia, os acredita, é a affirmação que, a cada passo e sob todos os pretextos, fazem de que, se acaso o povo portuguez quizesse, emfim, usar da sua força e do seu direito, depondo a dynastia que nos rege e implantando a Republica, uma intervenção estrangeira que seria a ingleza, com o poderio immenso das suas esquadras, dos seus exercitos e do seu dinheiro viria aqui atacar a nação no que ella tem de mais pundonoroso, de mais nobre, de mais sublime que é o sentimento nato da sua independencia, para defender a familia Bragança.

Esquadras e exercitos cuja mobilisação e sustento em pé de guerra custam milhares de contos diariamente, viriam aqui collocar no throno, contra a vontade do paiz e pela força, um principe que o povo repellia, unicamente porque o rei de Inglaterra era seu amigo pessoal.

E ha gente ingenua que nisto acredita!

Questões da maior gravidade, do maior alcance politico e internacional e sobretudo de interesses cujo valôr, tão grandes elles são, nem se podem calcular, se teem debatido e estão pendentes de uma resolução final, devido ao receio que as maiores potencias teem, apesar de todo o seu poderio, de serem as primeiras a provocar uma guerra que, hoje, com os aperfeiçoamentos a que a sua arte chegou, é sempre uma hecatombe para vencidos e vencedores. Os problemas de Marrocos e Extremo Oriente ahi estão por resolver. E por muito tempo assim continuarão, apesar das grandes e poderosas ambições que sobre elles pairam.

Não se tem, pois, manifestado a poderosa Inglaterra, nossa alliada, pela bocca dos seus immensos canhões mas sim e só

pela argucia intelligente da sua diplomacia, sobre questões de tão alta importancia, e ha-de vir, agora, bombardear Lisboa, invadir Portugal, sómente porque o povo portuguez, no uso incontestavel d'um direito que se impõe, mudava de um regimen que, já tendo sido necessario em seculos passados, hoje não pode subsistir á luz offuscante que vae illuminando o mundo inteiro e que se chama a Liberdade!

Porque o rei de Inglaterra é amigo do rei de Portugal?! Mas é preciso pensar que o rei de Inglaterra não é a Inglaterra e que embora lhe causasse desgosto a deposição d'um seu amigo intimo de tão alto e rendoso cargo, não seria esta a razão que o levasse a usar dos canhões e vidas que pertencem ao seu e só pelo seu paiz devem ser sacrificados, unicamente por uma questão de amizade pessoal. Nem elle a isso se atreveria porque nem sequer em tal pensava, nem a Inglaterra o consentiria. Muito acima dos seus desgostos pessoaes põe elle os interesses e o bem estar da sua nação.

E, já não queremos fallar do espectaculo irrisorio que ante o mundo civilisado representaria a poderosa e ponderosa Inglaterra quebrando lanças por um amigo do seu Rei e contra uma nação que é sua alliada!

Mas, dizem, ha um tratado secreto entre as duas nações e em que, contra vantagens desconhecidas, a Inglaterra se compromette a manter em Portugal a actual dynastia. Como se fôsse possivel que os governos de Inglaterra, que tem sido um paiz bem governado, firmassem um tal tratado!

E' innegavel que a Inglaterra precisa de Portugal por causa dos seus incomparaveis pontos estrategicos que lhe são indispensaveis para a sustentação da sua politica internacional. Mas isso é só uma razão e poderosissima para que os seus governos tenham tido o cuidado de, nos seus tratados com a nossa nação, terem deixado sempre caminho aberto para, no caso que elles bem veem ser muito provavel, da mudança de regimen, poderem ractificar esses tratados e allianças.

A Inglaterra precisa de Portugal para apoio e base de operações das suas esquadras. Mas é-lhe indifferente que Portugal seja Republica ou Monarchia. Ha-de por todas as formas procurar a estima do povo portuguez porque ella bem sabe que o povo é que é a nação e é da nação que ella precisa.

E ver-se-ha um dia, quando ella sentir que o paiz está emfim disposto a tornar-se numa Republica, como ella, sem desgosto e sem a menor hesitação, abandona a casa de Bragança para abraçar a Nação Portugueza.

M. F.

Bohemia jornalistica

O «Petim» morreu.

Banalidade que não valia o «aqui jaz» d'uma noticia d'obito.

O «Petim» morreu... de paixão.

O senso commum lamenta:—Coitado! Coitado!

Solidariedade com o morto?

Não! Com a sua dôr.

O «Petim» era um desgraçado. Bebia e fumava de mais, porque tinha illusões de menos. Era um pervertido, sem ser um perverso. Era entulho, mercê d'uma iniquidade social; liquidou no monturo. Foi um anonymo que ousou ter coração... vivendo na lama. A lama ás vezes tem d'estas reverberações singulares.

*

Conta-se assim: O «Petim» tinha mulher e dois filhos. E' um facto natural, justo.

Ha uma citação religiosa que diz: «Que cada homem tenha uma mulher e que cada mulher tenha um homem, e, que jámais por motivo algum se separem». Ora, a mulher desconhecendo este preceito, fugiu-lhe, e eis que o inditoso «Petim» entra de scismar.

Só... sem aspirações, sem affectos, sem nome e sem familia! Abandonado... noites de nostalgia, momentos de allucinação, a vida immersa num sudario de lagrimas! A negra dôr a roer-lhe as entranhas, e tão grande ella devia ser! A sua companheira amada fugia-lhe ferindo-o naquillo que o homem tem de mais caro: o amor proprio.

Saber que a mulher nos fugiu, é cruel, mas não deve ser desesperador.

Digam-nos todavia que ella nos deixou, trocando-nos por outro, e o semblante transfigura-se, o coração alvoroça-se, e, se os filhos tambem foram com a mãe adultera, a alma despedaça-se.

E o «Petim» morreu de paixão porque o «Cataninho» raptou-lhe a mulher. O «Cataninho» na sua abortiva figura, foi um heroe digno dos tempos medievos. Segundo a realidade das coisas, foi um parvo.

Emquanto á mulher, perpetrou, realisou uma aspiração moderna: o amor livre. Foi uma educadora de via reduzida.

Os filhos, trapos levados pelo destino, submetteram-se; não soffrem destaque.

Parece-nos pois, que, d'entre todos os personagens d'esta tragedia, o mais feliz, o que melhor figura fez, foi o «Petim»... morreu de paixão, podendo morrer de fome.

AS FESTAS DA CIDADE

Não é indifferente o dizer-se que as festas da cidade são em agosto pois que isso equivale a animar iniciativas estranhas.

Se muito se viu anno passado neste sentido, mais, muito mais se póde fazer.

A corporação dos Bombeiros Voluntarios determinou organisar uma *retraite*. E' um numero de grande effeito, e não dizemos novidade nenhuma, affirmando desde já, que os Voluntarios o tornarão brilhante. Os empregados do commercio (associação) promettem tambem collaborar nesta marcha. Eis o que se sabe preparar-se.

Vejamos se mais é possivel fazer, e por que fórma:

Os Voluntarios com as suas carretas e com o apparato bellico das suas fardas, com o tom aguerrido dos seus clarins, isso lhes basta, para que entre fogos e fogachos brilhem com destaque.

Os empregados do commercio com a bizarria da sua mocidade e 10 tostões por cabeça, montam na rua um carro ligeiro, mas vistoso, engrinaldam-se com venezianos e o effeito será optimo.

Mas não ficamos por aqui:

Os socios da Associação Artistica por iniciativa d'um grupo d'enthusiastas decidem-se e vão tambem subscrever-se, com o fim altamente sympathico de se encorporarem nesta marcha de triumpho, de apotheose.

Os fabricantes de calçado, os fabricantes de cabedaes (associações) egualmente se lembram de conseguir um balão cada um e 205000 reis entre todos, para darem duas musicas mais a este conjuncto, já admiravel, já surprehendente.

Mais um grupo com elementos de varias classes e diversas categorias decidem-se, por sua vez, entrar neste concurso. São socios da Sociedade Martins Sarmento? Pertencem á Assembleia Vimaranense? Não se distinguem; são todos eguaes no calor da manifestação; são todos por Guimarães, e á frente, alguns conduzindo um enorme cartaz illuminado, deixam ler em bons caracteres: «Aos forasteiros, Guimarães agradecido».

E a marcha continua:

São agora os operarios e operarias das fabricas do Castanheiro, da Avenida, do Santos Costa, do Lerdeira, tudo que trabalha e pode comprar um archote, tudo que sente alegria e quer expandir, deve ir, irá nessa noite d'apotheose unisona, saudar em globo, num brado collectivo, o forasteiro amigo que nos visita, pela ancia de gosar, experimentando impressões novas, espectaculos novos.

E a marcha segue:

O todo é feerico, é magestoso, é unico: Tropheus, palmas, balões, carros, clarins, musicas, bandeiras, flores, acclamações, um inferno que lembrará o 14 de junho dos parisienses, as grandes festas civicas em que o povo communga o fogo ardente das multidões apaixonadas, e nas quaes uma ideia se perde,—o esquecimento da vida, pela vida.

A marcha detem-se; surpreza!

No logar do Campo da Feira e occupando a escadaria que dá ingresso ao templo, cincoenta, cem vozes echoam um côro orchestral dirigido pelo maestro Calixto com letra do compositor Vasco Leão.

*

E ao recolher-nos a casa cançados da visão com o espirito enebriado e o patriotismo contente, diremos:

Foi um sonho...

Chronica de Pierrot

Uma commissão de caixeiros do Porto annuncia para hoje ás 11 h. da m. um comicio que se realizará no «Gremio Commercial».

Esta reunião extraordinaria aonde podem concorrer todos os elementos interessados, é para o fim de saber-se que ha por esse paiz fora quem não acceite em dictadura o decreto do descanço semanal.

Aos que protestarem, repudiando um beneficio (embora por o preço d'uma exauctoração civica) ser-lhes-ha applicado o anathema em voga: —Fins politicos...fins politicos...

Este conceito é a virtude das maiorias.

*

D'esta cidade vão muitos dos nossos patricios ao banquete offerecido ao snr. João Franco na invicta.

Ninguem tem nada com isso.

*

A boa imprensa e os bons jornalistas

Da *Restauração* de 9 do corrente, tirámos esta local que mostra bem as santas intenções do que dirigiu a sua inserção no citado periodico.

Eil-a:

Castigos.—Em Chicago offereceram a um desgraçado malfeitor o escolher entre a prisão e 1:000 pontapés no fundo das costas. Elle preferiu os 1:000 pontapés á prisão. Foram-lhe dados com uma machina accionada por um motor electrico. O pobre homem ficou com o assento todo esfarrapado e perdeu por muito tempo a possibilidade de se assentar.—O ministro da justiça na Dinamarca publicou os resultados duma lei posta em vigor desde 1905 e que estabelece a bastonada. Os resultados sam excellentes. Só foi preciso applicá-la tres vezes. Deminuiram numa proporção enorme os attentados contra as pessoas. *Os malfeitores têm um evidente terror á punição corporal e no entretanto riem-se da prisão. A bastonada é dada com um rotim. Uma pessoa muito desmoralizada não se corrige sem castigos corporaes.*

Commentarios? Para quê?

As almas piedosas que commentem, as almas christãs que reparem. E nada mais.

A Semana

Tem estado nesta cidade o snr. Avelino Magalhães Pitta, negociante em Lisboa, e proprietario da «Camisaria Pitta».

*

Seguiram para Villa Real os snrs. Antonio J. Gonçalves e Gualter Martins.

*

Esteve entre nós o snr. João S. Romão, director da Agencia do Banco de Portugal, em Braga.

*

Continua doente o snr. Adolpho Azenha. Desejamos-lhe prompto restabelecimento.

*

Fez acto de 5.º anno de direito, o nosso conterraneo Alberto Rodrigues Teixeira da Silva, ficando approvado. Os nossos parabens.

*

Foi ao Porto o nosso amigo Avelino de Faria Guimarães.

Questões sociaes

A instrucção popular

Lançando um olhar d'analyse, sincero, frio e imparcial, sobre tudo quanto em Portugal se escreve sobre o atrazo intellectual do nosso povo, nós facilmente concluimos que muito pouco ou quasi nada temos caminhado em resultados praticos, a par da vida pedagogica moderna das nações civilizadas.

E porque, tal estacionamento, que é um retrocesso? Por uma razão simples, clara, natural, logica mesmo.

Porque temos confiado sempre na providencia celestial dos governos, porque temos sempre depósto nas suas mãos, nas mãos dos que, por uma simples aniquilação da sua individualidade, se acercam do poder, se transformam de pacatos cidadãos em mandões d'um povo soffredor e resignado, como é especialmente o povo portuguez.

Um povo que, essencialmente agricola, precisa de esperar uma infinidade d'annos para que do Brazil, um portuguez mande meios pecuniarios para se instituir uma escola onde se ensine o que na agricultura ha de moderno e de scientifico, um povo nestas condições, só por uma teimosia ridicula, confia ainda num governo que o salve. E' preciso que nós todos nos convençamos, nós, os que ainda temos algum amôr pelo resurgimento moral da nossa raça, que necessitamos de abandonar por completo toda a esperança que por nossa ignorancia ainda exista, na influencia benefica dos governantes, em materia d'instrucção. Qual o caminho a seguir, perguntarão

os que me lerem, para que o povo receba a instrucção devida, a educação racional e logica que a vida moderna exige? Eu respondo, sem todavia julgar que responda d'uma maneira absoluta, porque é preciso reconhecer-se, que em pedagogia, pelo complexo da sua natureza, não póde haver uma lei fundamental como a lei que num codigo regulariza os actos dos cidadãos. Não. Em pedagogia, não póde haver uma regulamentação. A sciencia e a liberdade são os unicos moldes sobre que é preciso construir uma norma d'ensino. E' preciso conhecer o homem em toda a sua vida, atravez os seculos, atravez as idades, é preciso em summa conhecer profundamente a vida da humanidade, e, alem d'isso as leis que regem a vida universal, para se poder orientar racionalmente uma educação d'um filho, ou d'uma creança a nosso cargo.

E é preciso que o educador conheça isto, porque estando como está demonstrado que numa creança, nós temos o espelho fiel, a reproducção mais ou menos exacta, da vida da humanidade, só conhecendo os diversos estados porque esta tem passado, a começar pela sua origem, só conhecendo o trabalho d'elaboração constante que sempre a tem acompanhado, se poderá guiar, canalisar por assim dizer, todas as aptidões, todas as tendencias, todas as qualidades, todas as energias, que fazem o conjuncto d'este ser complexo, relativamente perfeito—que é o homem.

Sem estes conhecimentos, sem estas noções claras e positivas, que fazem do educador, não um *magister* rispido e austero, de má catadura, mettendo horror e ás vezes nôjo, á creança, como é geralmente o professor das escolas primarias, mas um amigo bom das creanças, onde um riso franco e honesto lhe ande sempre a florir nos labios, um conjuncto emfim d'amor e de bondade, que inspire ao pequenino coração infantil o sentimento da humanidade, ao pequenino cerebro a sentimento da justiça, não poderemos caminhar um passo em materia d'ensino.

E só, quando o educador primario das escolas onde o filho do povo recebe as primeiras noções de sociabilidade, fôr um homem honesto, digno, conhecedor dos processos scientificos que a humanidade tem accumulado gradualmente de geração em geração, um homem que conheça Goeth, e como Darwin, Spencer e os seus seguidores, só então dizemo-lo com sinceridade, nós poderemos esperar que das escolas saiam homens conscientes, honestos e dignos, que por sua vez irradiem a sua honestidade e dignidade, pelo futuro adeante.

Por ora, temos de confessa-lo, as escolas onde os filhos do povo recebem uma instrucção retrograda, antinatural e destruidora da mais bella das energias humanas—o espirito d'iniciativa—por ora, essas escolas, não são differentes em nada, das casernas militares onde se agglomeram centenas de desgraçados—que outro nome não tem—da mais absoluta ignorancia, incapazes de comprehender o que seja uma patria, e portanto uns inconscientes defensores d'essa patria, essas escolas, as escolas actuaes, em vez de produzir cerebros aptos para a lucta da vida, a lucta do pensamento, que a civilisação, e a evolução constante dos meios, torna cada vez mais febril, mais agitada, e por isso mesmo mais necessitada de força productora, produz pelo contrario uns cerebros torcidos, atrophiados, imbecilisados, ficando assim as gerações novas logo no seu principio, identicas aos animaes agrupamentos das antigas idades, em que o instincto, o prazer directo, o egoismo estupido, era a unica força dynamica, que gerava as acções d'esses mesmos seres.

Ora a essas creanças, producto das escolas actuaes, não podemos chamar depois homens, no verdadeiro sentido da palavra. Desde que na escola se dê, como se dá, um ensino que é o antagonismo flagrante do que a vida cá fóra exige de nós, essa escola é uma inutilidade, é um estorvo, e é portanto um crime consentir que ella exista.

Assim como nós estamos gozando do bem que as gerações passadas accumularam, e soffrendo dos erros que essas mesmas gerações glorificaram, assim tambem nós somos responsaveis pelos erros que os nossos filhos amanhã commetterem e portanto uns criminosos conscientes de um crime, porque mais que nenhuma geração, pertencemos ao seculo, que, comparado aos outros seculos, tem relativamente caminhado muito mais depressa, em conhecimentos scientificos sociaes e consequentemente moraes.

Já vou demasiadamente extenso, para o logar em que caminho.

São opiniões pessoaes, estas, que eu tiro da analyse serena do estado social que nos cerca, e que extraordinariamente tem abatido este povo portuguez, onde ha tanta energia por empregar, tanta qualidade por utilisar. A' iniciativa particular, temos pois de confiar o futuro da nossa raça.

Da lucta contra a educação perigosa, que os governos nos ministram pelos seus professores, desde a escola primaria até á Universidade, d'essa lucta gigantesca entre o passado e o futuro, entre a ignorancia confessada e o espirito scientifico que respiramos, querendo, lucta que durará tempos e tempos incalculaveis, ha-de sahir uma geração de homens de consciencia sã, baseada sobre principios moraes e logicos, unicos esteios d'uma sociedade harmonica, que abençoará a memoria immortal dos iniciadores da pedagogia scientifica, desembaraçada das aberrações metaphisicas que nos cegam, iniciadores esses que felizmente vão tendo já hoje, e até no nosso paiz, exemplares dignos da santa missão a que se dedicaram.

P.

Revista d'Arte

?

Aos domingos, depois da missa do meio dia,
Encontro-a quasi sempre, á porta, a ver quem passa,
Animam-lhe o perfil uns traços de alegria,
Arqueia-se-lhe o labio, a rir, cheio de graça.

Abrindo um livro mau, qualquer romance á toa
Volve sobre elle o olhar, preso d'uma ancioedade:
Figura-se-me então um quadro do Malhoa,
Cheio de vida e luz e cheio de verdade.

Alguma vez a escuto a conversar sobre arte
—Que ella tambem é artista e tem um fino gosto—
Prefere como eu prefiro, a estar em qualquer parte
Olhar detidamente um livido sol-posto.

Aos dias de semana e quando não ha «mostra»
Vou conversar com ella, ouvir o que ella diz,
Assim se vae a tarde...
a tarde na palestra...
Sentado perto d'ella eu sinto-me feliz.

Esqueço tudo o mais... o mais que me encommoda,
O tedio não me invade, o tedio esqueço emfim..
Contemplo-a a ella só, contemplo-a a ella toda,
Esqueço-me de tudo, esqueço-me de mim.

Ella descerra então o labio humido e rubro
E lança alegremente um dito que tem graça
Que graça que ella tem, que graça lhe descubro,
Quando ella está, á porta, a rir e a ver quem passa.

Sempre que a vejo assim sem sombra de cuidado
Prende-me em tal d'oito, a grande sympathia..
E eu que odeio o namoro, eu sou um namorado,
Aos domingos depois da missa do meio dia.

Setembro de 1905.

José.

CONFERENCIA

No Congresso das Aggremiações Populares Catholicas fez o Prof. snr. Candido de Pinho uma conferencia em que demonstra, servindo-se de numerosas estatisticas, as consequencias terriveis a que o alcoolismo leva a sociedade.

Gostamos de ver e tem a nossa sympathia quem, embora não tendo o nosso ideal, procura o bem estar e felicidade de todos.

Comtudo não podemos deixar passar sem reparo, porque com ellas não concordamos, as ultimas palavras da conferencia do distincto Prof.

Sua ex.ª falla-nos de *sabotage* em termos asperos e dá-nos d'elle a seguinte definição: «E' a destruição systematica e premeditada dos instrumentos de trabalho e dos productos da industria, com o fim de defraudar o patrão.»

Para o snr. Prof. Candido de Pinho tal meio de combate contra a oppressão capitalista do patrão é mau, como se deprehende da sua definição, simplesmente por defraudar o patrão.

Os *sabotages* de que todos os dias somos victimas—as falsificações de todos os generos mais indispensaveis para consumo—esses não merecem ao distincto conferente a mais insignificante referencia de reprovação. Podem á vontade o merceeiro vender-nos generos estragados, o padeiro dar-nos o pão falsificado, as leiteiras fornecerem-nos leite adulterado que não será a voz do snr. Candido de Pinho que se levantará a protestar. Envenenem-nos dia a dia, depauperem-nos o organismo com toda a casta de mixordias que sua ex.ª ficará mudo e quedo.

Não são as reivindicações sociaes que tal fazem, são os grandes e poderosos que querem enriquecer, por isso o medico Prof. não opporá a essas poucas vergonhas o minimo argumento.

Referindo-se ao anti-militarismo não foi o snr. Prof. Candido de Pinho mais feliz.

Que é que os soldados defendem numa guerra? Responda o snr. Prof. Candido de Pinho.

A sua patria? Não.

Defendem os interesses d'aquelles que tudo possuem, que de tudo gosam. Por isso não é muito que os primeiros para quem se voltem as armas sejam aquelles que obrigam o soldado a bater-se, aquelles por causa de quem elle irá perder a vida deixando ao abandono seus velhos paes, a esposa carinhosa e os tenros filhinhos, para quem era o unico amparo.

Sua ex.ª, crêmo-lo bem, não pensou o que disse ao proferir taes dislates.

G.

Pallida e linda

Pallida como a Morte e linda como a Vida, no seu vestido côr da noite mais escura e tenebrosa, assumava de madrugada á adufa do vetusto solár, para chorar com as estrellas pequeninas, para dar beijos á lua merencoria e meiga, que passeava no esmeraldino manto do firmamento, tão triste como seu rosto de jaspe, mortinha por recolher aos seus auricrinitos aposentos, para dormir um somno longo, para descançar a ingente caminhada da noite.

Pallida e linda, chorava, agora, com os rouxinoes que choravam entre as dhalias do jardim, e ria, em seguida, com os pintasilgos que riam no salgueiral espesso e verdejante,—espalhando a vida com a sua formosura de Virgem, espalhando a morte com a sua pallidez sepulchral!...

Pallida e linda retirava-se, depois, a sorrir, a sorrir, cerrava devagarinho o cortinado de rosa e neve, e ia lêr e relêr para o seu perfumado *boudoir* as cartas rendilhadas e estremecidas do seu pagem loiro, as cartas do coração do seu pagem, que eram o seu coração!...

.....

.....

Pallida e linda chorava com as estrellas e com os rouxinoes, dava beijos á lua, ria com os pintasilgos, e lia sorridente as missivas do seu pagem loiro, que eram o seu coração!...

Guimarães, XIII—VI—CMVII.

Delphim Guimarães.

Reportagem

Os nossos collegas

A todos os nossos collegas que se teem referido á «Alvorada» com palavras que nos são sobremaneira agradaveis, e ainda aos que nos incitam a continuar nesta cruzada, nós agradecemos penhoradissimos, e farêmos por continuar a merecer o bom acolhimento do publico e a boa camaradagem aos collegas, o que muito nos regosija.

Agradecemos tambem as permutas.

Suicidio

«Amores mal correspondidos».—E' a conhecida phrase a ap-

plicar quando uma rapariga se suicida. Leviandades diremos nós. Margarida, (sem ser a do Fausto) e lá das bandas do Castello da cidade, enamorou-se d'um cabo de inf. 20, que galanteador, conseguiu «levar a agua ao seu moinho». Ella, espirito fraco, nova ainda, pois tinha apenas 16 annos, viu-se quasi perdida aos olhos da sociedade, e, a vergonha, o pundonôr, despertam-lhe a ideia do suicidio. Se a imaginou, depressa a pôz em pratica. Duas caixas de phosphoros, despejado o conteudo num copo d'agua e... zás. O peor foi o terrivel soffrimento que se lhe seguiu e que no hospital só a deixou ao exhalar o ultimo suspiro.

Vá agora esmiuçar-se o intimo do amante!

Quem sabe... talvez ideaes desfeitos...

—

Carta

Temos em nosso poder uma carta do snr. A. Candido de Carvalho em resposta ao communicado do snr. Bernardino Barroso inserto no ultimo n.º d'este jornal.

Por absoluta falta de espaço só no proximo n.º a publicamos.

Pedimos desculpa.

—

Assembleia Geral

Por falta de numero ficou para hoje a reunião annunciada para domingo preterito na Associação de Classe dos Empregados do Commercio.

—

Carro tombado

O carro que d'esta cidade faz a carreira para Felgueiras, e que d'aqui costuma sahir ás 4 horas da tarde, tombou ha dias, numa rampa, em Paçô.

Os passageiros ficaram feridos, e o cocheiro, segundo se diz, *despertou*.

Era bom que estes senhores fossem mais cuidadosos com o serviço que se lhes confia, e reservassem para fóra do serviço *as provas de sympathia ao deus Baco*.

E' verdade que ainda ha excepções; tambem era melhor ser tudo igual...

Falta o perigo dos ladrões, e apparece este, o da sêde...

—

Linha de Fafe

Consta-nos que ainda este mez se realiza a inauguração d'esta linha, havendo festejos naquella villa.

—

No *Primeiro de Janeiro* de sexta-feira passada, lê-se o seguinte telegramma:

Madrid 13—Tem sido commentado desfavoravelmente o «veredictum» do juri que condemnou Nakens, Mata e Ibarra em 9 annos de reclusão sendo os outros reus absolvidos, inclusivé Ferrer...

—Transcrevemos esta parte do telegramma com o proposito de fazer as seguintes reflexões que não parecem descabidas:

—Queremos frizar que, emquanto em Hespanha um jornalista—Nakens, prefere ser condemnado a nove annos de prisão, a faltar á sua palavra d'honra, que empenhou perante um homem que lhe pedia segredo, depois de ter commettido uma grande desgraça, aqui em Portugal a mocidade *estudiosa* das escolas, prefere faltar a um compromisso tomado perante o paiz, a sustentar um movimento que marcaria uma epocha historica, no decorrer da nossa vida nacional—a reforma do ensino, reclamada por uma geração de novos, honestos e dignos.

Registemos este facto, e córemos de vergonha por pertencermos a esta geração.

Ao commercio

—

Avelino de Faria Guimarães, d'esta cidade, vem a publico expôr *as amabilidades* de que foi victima na segunda-feira ultima por parte do snr. Antonio Teixeira de Mello, negociante, da rua Mousinho da Silveira, da cidade do Porto.

Este senhor, sem motivo plausivel, mandou fazer-me um arresto. Eu devia a este senhor a importancia de 129$125 reis, tendo antes já effectuado outras transacções com o snr. Mello, e cumprindo sempre o meu dever.

Tinha esta factura sómente 1 mez e 11 dias decorridos, e por essa razão soffri um arresto!

Fiquei surprehendido com o procedimento do snr. Mello, o que vem provar que nós, os negociantes pequenos, devemos sempre recear ter transacções com casas que nos não offereçam garantias. Se todos assim fizessem, não havia retalhistas.

Felizmente o arresto não se effectuou, e a despeito da vontade de «A. J. C.» que me fechassem as portas, e apesar da surpreza, a justiça *encontrou em caixa o dinheiro sufficiente para fazer face ás despezas e ao meu debito.*

Admiro que o snr. José Augusto Monteiro, negociante, (que foi,) morador na rua Conde Ferreira, no Porto, e o snr. Augusto José de Brito, tambem ex-negociante e hoje caixeiro de praça, no Porto, viessem, sem me conhecer, servir de testemunhas para o effeito de arresto.

A lei é clara e diz que para se fazer um arresto é preciso que se prove o estado de insolvencia; ora eu, felizmente, apesar de estabelecido ha pouco, vivo desafogadamente, e o meu capital chega e sobra para pagar aos credores.

Affirma-se, pois, que estas testemunhas juraram falso, e é o que vou procurar saber, á face do processo, para, pelas vias competentes, as processar.

Acho nesta *trindade* uma falta de caracter, impropria de gente que se preze e que lide no commercio. O procedimento do snr. Mello, incorreto, sem desculpa, é por todos censurado.

Eu calculo que tenho inimigos do *mesmo officio*, e que desejariam ver-me as portas fechadas: pois d'esta vez não conseguiram alegrar-se e, creio bem, que nunca o conseguirão.

Os que me conhecem, que avaliem a baixeza de que fui victima, e procurando, com os nomes que citei, tirar conclusões, ellas são a meu favor.

Sou pequeno, bem sei, mas tenho caracter e dignidade, não desço a commetter acções que me enojariam, como esta que commigo, o snr. Mello e os seus dois *amigos*, me fizeram.

Boas testemunhas! São das taes a que nós por cá costumamos chamar das de *meio quartilho!*

Não ficarei por aqui.

Espectaculos

A companhia do actor Caetano Pinto, seguiu na quinta-feira para Villa Real, onde foi realisar tres espectaculos, motivo porque o beneficio da actriz Carmen, ficou transferido para o dia 19.

Hoje representa nesta cidade o drama «As Duas Orphãs, em festa artistica do actor Flavio Antunes.

ALVORADA

SEMANARIO

ASSIGNATURAS

Portugal, ilhas e colonias:
Anno 750
União postal:
Anno . . . . . 2$000

Cobrança feita pelo correio, mais 50 reis.

Annuncios e communicados, por contracto.

Pagamentos adeantados.

Os assumptos de administração podem ser tratados na **Typ. Minerva Vimaranense.**

Nova Mercearia Traz de S. Paio

DE

Avelino de Faria Guimarães & C.ª

Guimarães

Generos de primeira ordem—Preços sem competencia

Grande sortido em arrozes, bacalhau, chá, café moido á vista, etc. Azeite das melhores procedencias.

Vinhos finos de diversos preços, bolacha, manteiga fina a retalho e em latas, conservas, e artigos de papelaria.

Ao Guarda-sol Elegante

Deposito de Guarda-soes e Bengalas

Novidades da estação

Rua da Rainha—Guimarães

Joaquim Lopes de Carvalho

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

E' a nossa casa que mais barato vende; porque vende muito. Além das vantagens que os nossos clientes auferem, outras se lhes offerecem na probabilidade de bons premios.

O agente em Guimarães,

A. J. Gonsalves.

ALVORADA

Semanario Republicano

Ex.mo Snr. .....

.....

.....